

Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema

BILLY WOODBERRY | REALIZADOR CONVIDADO

4 e 24 de Junho de 2025

Por Primera Vez / 1967

um filme de OCTAVIO CORTAZAR

Realização: Octavio Cortazar *Fotografia:* Lopito *Montagem:* Caita Villalon *Iluminação:* António Chao *Música:* Raúl Gomez *Som:* Ricardo Istueta, Eugenio Veza

Produção: ICAIC – Instituto Cubano del Arte e Industria Cinematograficos (Cuba, 1967) *Produtores:* Manuel Mora
Cópia: Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, preto-e-branco, legendada em português, 10 minutos
Inédito comercialmente em Portugal Primeira apresentação pública na Cinemateca: 26 de Outubro de 2016 (“A Cinemateca com o Doclisboa: Por um Cinema Impossível – Documentário e Vanguarda em Cuba”).

Por Primera Vez é mostrado com *Modern Times* de Charles Chaplin (1936 /folha distribuída em separado)

Dois anos antes da chegada do Homem à Lua, 1967 foi o ano da chegada do cinema à aldeia rural de Munos, em Baracoa, Cuba. A 12 de Abril, a comunidade local de camponeses, mais de uma centena de velhos, adultos e crianças reunidos em frente a uma tela em ambiente escuro, assiste pela primeira vez à projecção de um filme. De um belo filme, *Os Tempos Modernos* de Charles Chaplin, levado até eles por uma das Unidades Móveis de Cinema criadas pelo ICAIC no pós-revolução cubana para projectar filmes em lugares remotos do território de Cuba onde até então o cinema nunca havia chegado. *Por Primera Vez* é o registo desses acontecimentos, documenta a reacção de um grupo de espectadores particular pela inocência do olhar perante imagens em movimento, uma experiência quase aproximável da dos primeiros espectadores das sessões do cinematógrafo Lumière a partir da projecção inaugural de Paris em 1895. Sete décadas depois não é coisa pouca.

Qué labor realiza un cine móvil? Diante do camião caracterizado como “centro de trabalho e casa”, dois motoristas-projeccionistas respondem pelo trabalho do cine-móvel: “A unidade móvel cumpre a função de transportar filmes às aldeias. Temos um camião com equipamento de projecção de cinema: um pequeno projector 16 mm com amplificador, um gerador de dois quilos que abastece a energia eléctrica”, além da cama para dormirem, pernoitando nos lugares das projecções dias a fio. De dia, trabalham nas escolas mostrando filmes às crianças, à noite encarregam-se das projecções para “todos” em povoações, quintas, associações camponesas. Los Munos, no maciço montanhoso de Guantánamo, e Baracoa são localidades onde não foi possível chegar até então – contam eles. É o prólogo de *Por Primera Vez*, que arranca, aos solavancos, na estrada de terra, a bordo do camião que atravessa as montanhas. Em Los Munos, a “moldura” é humana, os primeiros planos são da população que recebe os viajantes do cine-móvel. Crianças e adultos respondem às perguntas da equipa do ICAIC, afirmando que não, nunca viram filmes. Com uma excepção, um jovem que nos campos confirma a regra.

As famílias, em planos-retrato de exterior verbalizam o isolamento, a virgindade de espectadores. “Interessando-se as pessoas por ele, o cinema deve ser uma coisa bonita e importante”, diz uma mulher com um filho pequeno ao colo. Outra, mais velha, com outra criança ao colo, tem uma ideia mais precisa –

“um filme vê-se no cinema, mostra mulheres bonitas, casamento, mostra tudo... cavalaria, guerra, tudo”. Outra ainda, “eu nunca vi, mas penso que é uma festa, ou uma dança, qualquer coisa assim. Tenho de ir ver para saber o que é. Não quero que ninguém me conte.” O corte para a noite coincide com esse momento, o plano escuro lembra um arraial sob céu estrelado. A plateia da projecção que se organiza tem muitas crianças, tem muita gente, muitas pessoas vindas de outros pontos remotos, pequenas povoações das montanhas. São os grandes planos dos seus rostos, dos olhos espantados, sorrisos a iluminar toda a cara no contracampo dos *Tempos Modernos* – uma obra-prima de 1936 que revela ainda a mestria do cinema mudo na era do sonoro (é o último Chaplin quase mudo, com uma banda sonora musical pontuada por alguns sons e uma canção) a garantir a alegria da festa. A dança é de Chaplin, no último filme da personagem de Charlot, que nesta espantosa comédia despe o fato de vagabundo para vestir a pele de operário e se debater com os tempos modernos da indústria mecanizada, do desemprego, da pobreza dos anos 1930. E ri, mais do que chora, da desumanização, celebrando a humanidade e o amor.

No fim de *Tempos Modernos*, que começa justapondo imagens de um rebanho de ovelhas e trabalhadores a saírem de uma fábrica, Charlot afasta-se numa estrada de terra de braço dado com a personagem da rapariga órfã interpretada por Paulette Godard por quem se apaixonou e que se apaixonou por ele num dos mais comoventes encontros amorosos da história do cinema. Não é a cena que está no “filme no filme”, onde se vê uma cena de gargalhadas. A cena burlesca da refeição automatizada que amarra Charlot às engrenagens fabris e mecânicas que o obrigam a ingerir uma espiga de milho na menor fracção de tempo útil possível. No final de *Por Primera Vez*, depois do espanto e do riso, as crianças cedem ao sono da noite antes de um último plano de céu escuro. Um outro final comovente nestes dez minutos de cinema.

Maria João Madeira